

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



A HIBRIDIZAÇÃO HOMEM-MÁQUINA E A PANDEMIA:

ESFERA PÚBLICA TRANS-HABERMASIANA¹

Camila Moura Pinto²

O objetivo deste artigo é apresentar uma reflexão teórica fruto de uma pesquisa de doutorado, finalizada em 2017, mas que ainda suscita inflexões e inquietações filosóficas, sobretudo no período atual, quando o mundo inteiro foi obrigado a repensar suas formas de convivência e ação política diante do enorme desafio imposto pelo isolamento social dado o contexto pandêmico global.

Buscando promover a interface teórica entre áreas do conhecimento geralmente desvinculadas, o *paper* apresenta um olhar trans-habermasiano à esfera pública, tendo como objetivo refletir sobre a formação política atual e sua interface com os usos que fazemos das tecnologias conectadas à internet a partir de dois caminhos argumentativos.

O primeiro concebe a esfera pública virtual como tecnologia cognitiva à luz das teorias da mente estendida (CHALMERS e CLARK, 1998). De acordo com esse arcabouço teórico, em certas circunstâncias, alguns artefatos tecnológicos podem ser considerados partes constitutivas da mente humana e de suas capacidades cognitivas (CHALMERS & CLARK, 1998). A argumentação gira em torno da ideia de que a cognição humana é um sistema integrado que inclui mente, corpo e mundo. Isso significa dizer, em última instância, que a mente humana não se restringe ao cérebro e suas funções mentais, mas é variável podendo se modificar para abrigar alguns itens do mundo, externos ao

¹ Artigo apresentado ao Eixo Temático 27: Inteligência Artificial, Hibridização Homem-dispositivos, Trans-humanismo, *Wearables*, do XI Simpósio Nacional da ABCiber.

² Professora do Ensino Superior da Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutora em Educação (PUC-Rio) e coordenadora do curso de licenciatura em História da UEMG de Passos. E-mail: camila.pinto@uemg.br

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



corpo, como por exemplo, as tecnologias e artefatos técnicos. Tendo como base essa linha, a esfera pública virtual é considerada tecnologia cognitiva, não porque distribui informações em redes virtuais a partir do compartilhamento de conteúdos midiáticos, mas porque integra um sistema estendido de cognição. Neste sentido, recebe tratamento trans-habermasiano, pois não é apenas discurso, mas interação de corpos híbridos em associação, constituindo o aparato cognitivo dos sujeitos em interação nas redes virtuais.

Com esse percurso teórico é possível tecer reflexões acerca da hibridização homem-máquina tomando a rede mundial de computadores como parte da mente humana, no sentido, não apenas de moldar comportamentos individuais e coletivos, mas de impactar o próprio aparato e funcionamento cognitivo humano. Resumidamente, há, então, um acoplamento bio-técnico que faz com que celulares e *notebooks*, dependendo das circunstâncias de seus usos, possam ser considerados parte da mente e cognição humana. Seguindo esse primeiro trajeto, as teses fortes da *embodied embedded cognition* (SHAPIRO, 2014) são utilizadas para pensar não somente nossa natureza ciborgue e híbrida, mas refletir sobre o viés social e político dessa relação simbiótica e como isso afeta e modifica a formação política, sobretudo no atual contexto de pandemia que vem nos impondo novas formas virtuais de comunicação, interação e debate público.

O segundo caminho argumentativo procura fundamentar a ideia de que a formação política atual deve ser compreendida em dois eixos: a partir dos efeitos de sentido, relacionados à hermenêutica do discurso, reconhecendo a importância da ideia de razão comunicativa de Habermas e seus avanços no estudo sobre o tema; e dos efeitos de presença, situados no campo não hermenêutico e relativos à noção de racionalidade incorporada e corporificada pela presença dessas tecnologias cognitivas e sua decorrência na cognição social e política.

Chamando atenção, dessa maneira, para a necessidade do rompimento epistemológico com análises orientadas exclusivamente pelo paradigma hermenêutico, os

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



estudos sobre o senso de presença de Ava Nöe e a ideia de efeitos de presença de Hans Ülich Gumbrecht enfatizam, respectivamente, a centralidade da atividade corporal nos processos perceptivos humanos e a materialidade da comunicação em seus processos de significação. Essa abertura permite pensar os efeitos da presença das tecnologias conectadas em rede na formação política atual e sua interface com a esfera pública virtual para além do conteúdo midiático que circula nas redes virtuais, privilegiando a própria presença desses artefatos, que de forma acoplada e híbrida, impacta a cognição social e política dos seres humanos.

A conclusão afirma a necessidade de se ampliar o horizonte habermasiano quando o assunto é a esfera pública atual e sua obrigatória interface com a rede mundial de computadores. Isso não significa, em absoluto, abandonar a ideia de que a esfera pública seja um espaço de atos de fala, de discussão de ideias ou mesmo de emancipação social através da criação de consciência política e do consenso baseado no debate franco de ideias, mas ir além. Interessa, ao contrário, contribuir com esse repertório analítico englobando, além dos efeitos de sentido, os efeitos da presença das tecnologias conectadas em rede, chamando atenção para os aspectos corporais e tecnológicos da cognição e sua natureza bio-técnica. E a partir deles repensar as próprias bases epistemológicas que, há séculos, utilizamos para compreender os processos de formação humana. A conclusão aponta, ainda, algumas reflexões ancoradas no contexto atual de Pandemia que nos direciona a uma realidade virtual cada vez mais presente e incorporada no cotidiano das pessoas, especialmente na dos jovens e das crianças. Ensino remoto, trabalho à distância e a ideia de um “novo normal” são abordados, desse modo, não como meros efeitos do aumento da incorporação dessas tecnologias no cotidiano pandêmico, mas como adaptações cognitivas de uma nova realidade social e política que se impõe sobre os pilares da hibridização homem-máquina.

Palavras-chave: hibridização; esfera pública trans-habermasiana; efeitos de presença.



1. A mente estendida e a esfera pública virtual como tecnologia cognitiva

Um dos objetivos centrais desse artigo é ampliar a noção de esfera pública para pensar a formação política atual e a interação nas redes virtuais, além de suas fronteiras habermasianas, chamando atenção para a necessidade de se reconhecer a centralidade da hibridização homem-máquina em nossos processos perceptivos e cognitivos. Assim, o cerne da argumentação, aqui apresentada, busca em última instância, defender que é preciso pensar a política para além de seus viés discursivo, considerando-a partir de uma perspectiva bio-técnica.

De acordo com Habermas, autor central quando o tema é o debate público e a interação política, a esfera pública é o espaço do debate franco de ideias, ou seja, é na esfera pública que a política se configura e que a democracia encontra espaço para florescer. Mediante a discussão e deliberação argumentativa é possível construir as leis que regem a sociedade. É também pela argumentação e exposição de ideias que essas mesmas leis podem se modificar e se transformarem os sistemas políticos. É na deliberação discursiva, ou seja, a partir da linguagem verbal, que a esfera pública configura-se, se consolida e pode se enfraquecer.

Argumenta-se, por outro lado, que é necessário ampliar esse viés hermenêutico para pensar a realidade política atual, visto a centralidade do uso acoplado que fazemos das tecnologias conectadas em rede, uso que modifica não apenas a esfera pública, mas a nossa percepção e aparato cognitivo. Isso implica, inicialmente, buscar novas definições sobre a mente e a inteligência humana que compreendam a racionalidade como atividade

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



corporal/mental e não somente relacionada ao discurso e à comunicação³. Dentre alguns caminhos possíveis, o paradigma da *embodied embedded cognition*⁴ é um dos mais promissores. Este conjunto de teorias compreende a cognição humana a partir de alguns princípios, como por exemplo: não é possível aprender sem agir, tampouco é possível fazê-lo sem sentir. Não é possível aprender sem um corpo, ou seja, não existe aprendizagem sem uma (ou mais) base(s) material(is) que a sustente. Não é possível formar-se sem o trabalho das conexões neurais que espalham-se por todo o organismo e se distribuem pelo ambiente. Não é possível, desse modo, formar-se politicamente sem levar em consideração essas bases materiais que possuem não apenas efeitos cognitivos, mas são constitutivos da cognição, ou seja, itens tão imprescindíveis quanto nossos neurônios e atividade cerebral, por exemplo.

Vale dizer que o grande conjunto denominado *embodied embedded cognition* pode ser desmembrado em teses fortes e fracas (SHAPIRO, 2014). As últimas defendem que o mundo material, incluindo tecnologias e os objetos que utilizamos em nossas rotinas são instrumentos essenciais à cognição, pois possuem a função de intermediar os processos formativos humanos. A cognição é privada e se confunde com a ideia de racionalidade resumindo-se à criação, desenvolvimento e aprimoramento de certas habilidades relacionadas às operações mentais como lembrar, perceber, consolidar etc.

Diferentemente destas, as teses fortes defendem que o mundo material, os objetos e tecnologias são partes constitutivas do aparato cognitivo. Isso significa dizer que os artefatos podem ganhar funcionalidade cognitiva e não apenas servir de instrumentos mediadores da cognição (tal como defendido pela teoria vigotskiana, por exemplo). Os

³ Vale dizer que Habermas cunhou o conceito de Razão Comunicativa como forma de defender a ideia de que a razão humana não é algo transcendental ou uma substância imaterial, mas fruto do diálogo e da nossa natureza comunicativa.

⁴ Cf. Shapiro (2014).

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



autores pertencentes ao grupo acreditam, por exemplo, que itens como *notebooks* e agendas podem desempenhar algumas funções da memória biológica e, por isso, deveriam ser consideradas tão importantes quanto o cérebro e os neurônios (CLARK, 1997). Defendem, então, que as diversas tecnologias que usamos nas mais variadas tarefas e na resolução de diversos problemas do nosso dia-a-dia devem ser consideradas constitutivas do aparato cognitivo e não mediadores da cognição.

Rompendo as barreiras do corpo biológico, tanto a definição de mente quanto a de racionalidade passam a ser definidas a partir de sua natureza ciborgue, constituída tanto de aparatos biológicos quanto tecnológicos (CLARK, 2003). Para além de suas capacidades comunicativas, ou seja, para além da hermenêutica da comunicação e do discurso, os seres humanos são corpos híbridos, associados e em interação. Assim, é um corpo constantemente associado às tecnologias, o sujeito que aprende e não uma razão descorporificada. Há sempre, dessa maneira, um corpo associado mediando outros corpos associados e este é o pressuposto de quaisquer processos formativos e de comunicação, incluindo a formação política atual. Os artefatos tecnológicos são, como o cérebro e os neurônios, constitutivos do aparato cognitivo humano.

Assim, além da hermenêutica, própria das análises relacionadas à manipulação de conteúdos, como a do próprio Lévy quando reivindica a existência de uma “consciência coletiva”, havemos de pensar como o hibridismo tecnológico afeta a cognição social e política a partir do entendimento de que a racionalidade é corporificada e a cognição biotécnica, além de social e política.

Andy Clark e David Chalmers criaram o conceito de mente estendida, uma saída interessante para pensar a ampliação da compreensão da esfera pública virtual além do viés hermenêutico habermasiano, possibilitando pensá-la como tecnologia cognitiva. Tendo como orientação as teses funcionalistas, os autores desenvolveram o argumento de que a mente não precisa estar necessariamente confinada na caixa craniana para desempenhar algumas de suas funções podendo estender-se sobre o mundo (TEIXEIRA, 2000, 2014). Ou seja, não é uma questão de localização da mente, ou mesmo do que seja a mente, mas



de como ela funciona, quais funções desempenha, seus atributos etc. Os filósofos chamam atenção para a ideia de mente como um fenômeno da percepção humana, logo, ela mesma é um produto da atividade corporal envolvida na cognição, ou seja, impossibilitada de existir fora de suas bases físicas. Acrescentam, ainda, que estas bases não precisam estar, necessariamente, no cérebro ou mesmo em alguma parte do corpo humano. Advogam, dessa maneira, que os objetos e o mundo material são tão constitutivos do aparato cognitivo quanto um neurônio.

Assim, defendem que mente e mundo são separados por uma fronteira plástica, que dependendo da situação, pode ser quebrada. Isso significa dizer que a mente possui uma caracterização fluida, totalmente dependente do contexto em que age, logo, ela não pode ser definida como uma substância imaterial, universal e nem como um lugar que recebe, armazena e associa informações, sendo antes de tudo uma atividade corporal em associação com o mundo⁵.

Como forma de melhor fundamentar sua teoria, Andy Clark e David Chalmers desenvolveram quatro critérios que possibilitam compreender o conceito de mente estendida: a) todos os componentes do sistema desempenham papel ativo e causal; b) eles conduzem o comportamento de forma conjunta e da mesma maneira que o processo cognitivo o faz⁶; c) se o componente externo for removido, todo o funcionamento do

⁵ Em 1998, quando escreveram o ensaio *Extended Mind*, Andy Clark e David Chalmers apresentaram o caso de Otto e Inga como exemplo que auxilia na compreensão de seus argumentos. Resumidamente, nos contam que Inga e Otto, ao ouvirem falar de uma exposição de arte, decidiram se dirigir até ela. Antes, naturalmente, ativaram sua memória para lembrar a localização do museu, pois já haviam estado outras vezes no local. Havia, no entanto, uma diferença de recursos de ativação: Inga recorre à sua memória biológica, enquanto Otto, que tem Alzheimer (e por isso carrega sempre com ele um caderno de notas), acessa sua memória estendida. A partir dessa experiência mental, os autores argumentam que se o objetivo da ação era chegar à exposição de arte e para isso Otto recorreu ao seu bloco de notas e não sua memória biológica, por que não considerar o caderno parte da mente de Otto? Qual impedimento haveria em dizer isso, visto que a função/ atividade que a memória biológica de Inga desempenha foi a mesma que o caderno de Otto?

⁶ Conhecido como o princípio da paridade - um instrumento pode perfeitamente substituir a memória, como por exemplo no filme *Memento*, também comentado por Clark (2010a), cujo protagonista utiliza anotações e uma *polaroid* como substituto de sua memória recente, incapacitada de ser exercida após um incidente.



sistema cognitivo fica comprometido, assim como se removêssemos parte do cérebro⁷; d) esses processos de acoplamento funcionam da mesma forma que o processo cognitivo, somente não acontecem inteiramente em nossas cabeças.

Essas ideias estão no cerne do entendimento de que somos naturalmente ciborgues e que devemos considerar as tecnologias, em algumas condições de uso, como extensões da mente. Desse modo, a relação humana com as tecnologias deve ser compreendida na ordem da simbiose e não da mediação. Defende-se nesse artigo, então, que é um corpo associado, híbrido e em ação, ou seja, em simbiose com o mundo, o sujeito que se forma e não um indivíduo epistêmico cuja ideia de mente remeta ao cartesianismo do século XVII ou mesmo restrito ao paradigma da linguagem que aponta na direção de uma racionalidade comunicativa igualmente descorporificada.

Shaun Gallagher, em artigo intitulado *The Social Extended Mind*, defende que o conceito de extensão da mente não se restringe à interação individual homem-máquina. Buscando ampliar o entendimento sobre a mente estendida para além da perspectiva funcionalista/ individual defendida por Clark e Chalmers em 1998. Pensando a dimensão social e política da cognição, argumenta que a mente não incorpora apenas artefatos tecnológicos, mas também normas sociais, estruturas de comportamento e a própria cultura. A mente, então, é socialmente estendida não do ponto de vista da funcionalidade que os artefatos técnicos adquirem em seu uso individual, apenas, mas pela maneira como envolvem o nosso dia-a-dia, moldando e contruindo o funcionamento da mente.

Vale mencionar as reflexões de Paul Smart, que seguindo a tendência de uma linha não individual da ideia de mente estendida, defende a existência da *web extended mind*, chamando atenção para o papel da rede mundial de computadores como espaço profícuo para reflexões acerca da interface entre a teoria da mente estendida e a dimensão não apenas social e política, mas tecnológica da cognição social e política atual.

⁷ Este critério também é regido pelo princípio da paridade, visto que se removermos, por exemplo, as anotações e as fotos tiradas com a *polaroid* de Lenny (protagonista do filme supracitado), ele não teria como recuperar sua memória, salva nesses instrumentos.

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Tendo essas reflexões em vista, é impossível não pensar sobre a realidade atual e a dimensão tecnológica da cognição política que tem na rede mundial de computadores a estruturação e a formatação da formação política atual, característica que tem preocupado muita gente, inclusive pessoas diretamente ligada às gigantes *Google* e *Facebook*. De repente, é como se a humanidade inteira estivesse em um processo de transformação cognitiva que perpassasse esse acoplamento bio-sócio-técnico. Do paradigma científico que possibilitou à ascensão da racionalidade científica, a uma espécie de paradigma tecnológico, cuja rede mundial de computadores ocupa lugar central. A ideia de Pós-Verdade e *fake news* como parte do que hoje podemos vislumbrar como pertencente à estrutura de funcionamento da mente e sua interface na cognição social e política da sociedade contemporânea pode ser tomada como um bom exemplo para reflexão. Voltaremos a esse tema ao final do artigo.

2. Hibridização homem-máquina e a pandemia: Formação política atual como efeito de sentido e efeito de presença

Após apresentado esse percurso teórico, vale reafirmar a necessidade do preenchimento da lacuna habermasiana, porém, isso não significa recusar totalmente a definição de esfera pública como espaço de atos de fala, de discussão de ideias ou mesmo de emancipação social através da busca pelo entendimento mútuo como aglutinador de pautas, bandeiras e da consciência política. Pelo contrário, interessa-nos contribuir com o repertório analítico sobre o tema, englobando algumas concepções de funcionamento da mente/racionalidade que chamam atenção para os aspectos corporais e tecnológicos da cognição e a partir deles repensar as próprias bases que utilizamos para discutir os processos de formação política e sua imbricação bio-sócio-técnica, bastante explícita nos dias atuais.

Nesse sentido, há de se fazer justiça à Habermas, pois o autor nunca esteve preocupado em formular uma teoria que procurasse relacionar a esfera pública à cognição

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



humana, muito menos pensar essa relação a partir das interações virtuais. Nunca foi seu objetivo refletir sobre as funções cognitivas da esfera pública, por isso é interessante a ampliação do conceito, considerando-a não apenas um espaço discursivo, mas tecnologia cognitiva. A esfera pública virtual, assim, não somente é possível, como sua presença em nossas rotinas diárias dentro de um sistema estendido e híbrido que possui efeitos na dimensão social e política da cognição, formando redes não apenas de comunicação e política, mas de conhecimento, de distribuição da aprendizagem que estruturam o próprio funcionamento da mente (SMART, 2012; 2014; 2016; GALLAGHER, 2013).

A associação e a hibridização bio-sócio-técnica aqui colocada servem, ainda, para redefinir o que compreendemos como formação política atual para além da consciência política construída a partir do letramento e da educação crítica. Como colocado, se pensarmos que a relação que estabelecemos com as tecnologias deve ser compreendida pela tônica da simbiose, ou da mente estendida, a formação política atual deve ser caracterizada seguindo esses parâmetros. Como Shaun Gallagher e Paul Smart destacam é preciso levar em consideração a dimensão social, política e tecnológica da mente estendida e, nesse sentido, incorporar à sua definição tanto os efeitos de sentido, relacionados ao conteúdo das mensagens e da interação discursiva nas redes, quanto os efeitos de presença.

A partir da leitura das teorias defendidas no livro *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*, de autoria de Hans Ürich Gumbrecht, defende-se que a formação política atual deveria ser considerada a partir do efeito da presença acoplada e híbrida das tecnologias conectadas em rede e não única e exclusivamente dos efeitos de sentido, relacionados à interação discursiva. Tendo em vista essas transformações é pertinente pensar, ainda, a instabilidade epistemológica do paradigma científico e dos critérios baseados na racionalidade científica na construção do conhecimento humano que, na atualidade, encontram nas redes sociais seu principal foco de propagação. É como se a presença das redes virtuais estivesse estruturando novas formas de funcionamento da mente que incidem na compreensão da realidade afetando a dimensão social e política da cognição.

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



Em uma rápida busca pelo *facebook* é possível se deparar com centenas de grupos que defendem, por exemplo, a planicidade da Terra. Há pessoas negando a ciência e apostando em “verdades alternativas” como forma de lidar e encarar a realidade. Esse novo *modus operandi* de procurar informações nas redes sociais tem se mostrado bastante perigoso do ponto de vista político, pois facilita, amplia e alarga as possibilidades de manipulação de conteúdo midiático a níveis individuais e sociais nunca antes vistos e com uma velocidade global inédita.

Habermas e, antes dele, a primeira geração da Escola de Frankfurt já chamavam atenção para a existência de uma esfera pública despolitizada e manipulada pelos grandes conglomerados comunicacionais e governos fascistas. A manipulação do espaço público a partir de conteúdos midiáticos não é a novidade, mas a maneira acoplada e híbrida dessas tecnologias e seus efeitos estruturando novas bases de funcionamento social e coletivo da mente o são. Por mais que a imprensa tenha colonizado a esfera pública, o negacionismo científico parece consolidar-se como questão epistemológica apenas agora, com o uso cada vez mais acoplado de tecnologias conectadas à rede mundial de computadores. Em contextos pandêmicos e de isolamento social, como o que vivemos no ano de 2020, graças à Covid-19, onde as tecnologias ocuparam lugar ainda mais central no trabalho ou no cotidiano, esse *modus operandi* cresce ainda mais.

Por estarem sempre presentes e acopladas, estas tecnologias têm modificado os pilares modernos da sociedade e, com eles, a noção de verdade científica. As plataformas das redes sociais não são desenhadas para serem ferramentas de busca e interação social, somente, mas sequestram nosso “tempo livre” mexendo com as nossas mentes e emoções. Vale lembrar que o funcionamento das plataformas mais populares como *Google*, *Twitter*, *Instagram* e *Facebook* gira em torno da manipulação algorítmica e não ao nível dos conteúdos.

Sendo um arranjo algorítmico, logo tecnológico e não meramente discursivo e midiático, a base da disseminação de grupos como “Terra Plana a Verdade Revelada” ou “O lado obscuro das Vacinas”, do *facebook*, são a própria presença da tecnologia, que além

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



de acoplada aos corpos dos indivíduos, promove seu encontro a partir da interação na *web*, que por sua vez, passam a formar um público apto a deliberar e a aceitar essas “verdades alternativas”. A partir da interação discursiva chegam ao entendimento mútuo sobre o tema e passam a compartilhar suas próprias visões como a verdade.

Há, então, uma *web-extended mind* (SMART, 2012, 2014, 2016) cujos efeitos de presença precedem os efeitos de sentido na formação política atual, pois a própria tecnologia, à revelia de seus conteúdos direciona o sujeito a diferentes bolhas virtuais que orientam seus pensamentos e visões de mundo, impactando estrutural e socialmente o funcionamento da mente. O sujeito interpretativo, que possui autonomia na significação da realidade, desse modo, pode não estar em crise como sugere a reflexão de Hans Ürich Gumbrecht (GUMBRECHT, 2010a, 2010b), mas entrando em colapso, visto que as novas gerações estarão habituadas a conviver com a possibilidade de criarem verdades alternativas e visões de mundo construídas por referenciais externos à racionalidade lógica e científica.

É por esse motivo, e o quanto antes, que se faz necessário repensar as bases teóricas de reflexão sobre a formação política atual e os rumos do conhecimento humano, incluindo as redes sociais não como simples ferramentas de manipulação midiática, mas como *web-extended mind*. No caso da formação política é preciso pensá-la a partir da ótica tanto dos efeitos de sentido quanto dos efeitos da presença dessas redes virtuais como *affordances*, ou seja, estruturas mentais incorporadas naturalmente que modificam a estrutura de funcionamento da mente impactando a dimensão social e política da cognição.

Conclusão

Buscou-se, nesse artigo, afirmar a necessidade de ampliação do horizonte habermasiano quando o assunto é a esfera pública atual e sua obrigatória interface com a rede mundial de computadores. Isso não significa, em absoluto, abandonar a ideia de que a esfera pública seja um espaço de atos de fala, de discussão de ideias ou mesmo de emancipação social através da criação de consciência política, mas ir além. Interessa, ao

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



contrário, contribuir com esse repertório analítico englobando, além dos efeitos de sentido os efeitos da presença das tecnologias conectadas em rede, chamando atenção para os aspectos corporais e tecnológicos da cognição e sua natureza bio-técnica e a partir deles repensar as próprias bases epistemológicas que há séculos utilizamos para discutir os processos de formação humana. A conclusão aponta, ainda, algumas reflexões ancoradas no contexto atual de Pandemia que nos direciona a uma realidade virtual cada vez mais presente e incorporada no cotidiano das pessoas, especialmente na dos jovens e das crianças. Ensino remoto, trabalho à distância e a ideia de um “novo normal” são abordados, desse modo, não como meros efeitos do aumento da incorporação dessas tecnologias no contexto pandêmico, mas como adaptações cognitivas de uma nova realidade social e política que se impõe sobre os pilares da hibridização homem-máquina em termos de cognição social e política (GALLAGHER, 2013).

REFERÊNCIAS:

- ANDREW, E. *Habermas: the key concepts*. Taylor and Francis e-Library, 2006.
- ARAÚJO, L. B. L. *Razão pública, democracia deliberativa e pluralismo*. In: Anais do Colóquio Habermas realizado na UFSC, Florianópolis, 2005.
- ARAÚJO, S. Mentas e Máquinas, ou o que tem a Inteligência Artificial a nos dizer a respeito dos fundamentos da psicologia? *Psicologia*, São Paulo, v.10, n.2, 1999.
- AVRITZER, L. & COSTA, S. Teoria crítica, democracia e esfera pública. In: MAIA, R.; BARENTJEN, K. & TRETTEVIK, J. An activity Theory Approach to affordance. *Nordi CHI*, october, 2002.
- BOHMAN, J. Expanding dialogue: The internet, the public sphere and prospects for transnational democracy. In: ROBERTS, J. M. and CROSS
- BUTSCH, R. *Media and Public Spheres*. Palgrave: Macmillan, 2007.
- CALHOUN, C. Habermas and the public sphere. Massachusetts: Institute of Technology, 1992.
- CHEMERO, A. *Radical embodied cognitive science*. Cambridge: Press Cambridge 2009.

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



CLARK, A. & CHALMER`S. D. The Extended Mind. *Analysis*, n. 58, p.10-23, 1998.

CLARK, A. *Being there: putting brain, body, and world together again*. Massachusetts Institute of Technology: MIT Press, 1997.

CLARK. A. *Natural-born Cyborgs: Minds, Technologies, and the future of Human Intelligence*. Oxford: University Press, 2003. (kindle edition)

CLARK. A. *Supersizing the mind: embodiment, action, and cognitive extension*. Oxford: University Press, 2011. (kindle edition)

COLE, M.; ENGESTR, Y. A cultural-historical approach to distributed cognition. *Distributed cognitions: Psychological and educational considerations*. Edited by Gavriel Salomon. Cambridge: University Press, 1993.

GALLAGHER, S. The socially extended mind. *Cognitive Systems Research* (2013), <http://dx.doi.org/10.1016/j.cogsys.2013.03.008>

GUMBRECHT, H. U. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Trad: Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2010a

GUMBRECHT, H. U. O campo não hermenêutico ou a materialidade da comunicação. *Teresa revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, n.10-11, 2010b.

HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações Quanto a uma Categoria da Sociedade Burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, J. Political Communication of Normative Theory on Empirical Research in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? *Communication Theory*, n. 16, p. 411–426, 2006.

HABERMAS, J. *Agir Comunicativo e Razão Destranscendentalizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2012a.

HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo* (2vols). São Paulo: Martins Fontes, 2012b.

LEVY, P (2011) A esfera publica do século XXI . Disponível em: https://techyredes.files.wordpress.com/2011/08/techyredes_artigo-pierre-levy1.pdf.

LUBENOW, J. A. A categoria de esfera pública em Jurgen Habermas: para uma reconstrução autocrítica. *Cadernos de ética e filosofia política* v.1, n.10, 2007a.

XIII Simpósio Nacional da ABCiber

Virtualização da vida: futuros imediatos, tecnopolíticas
e reconstrução do comum no cenário pós-pandemia.
16 a 19 de dezembro de 2020 – Escola de Comunicações
da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



- LUBENOW, J. A. *A categoria de esfera pública em Jürgen Habermas*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, São Paulo, 2007b.
- MENARY, R. *et.al. The extended mind*. Edited by Richard Menary. Massachusetts Institute of Technology: MIT Press, 2010 (kindle edition)
- NÖE, A. *Out of our heads: Why you are not your brain, and other lessons from the biology of consciousness*. New York: Hill and Wang, 2009. (kindle edition)
- NÖE, A. *Varieties of presence*. Harvard: University Press, 2012. (kindle edition).
- ROBERTS, J.M. & CROSSLEY, N. After Habermas: new perspectives on the public sphere. *The Editorial Board of the Sociological Review 2004* (The Editorial Board of the Sociological Review 2004). Oxford: Published by Blackwell Publishing Ltd, 2004.
- SMART, P. Embodiment, Cognition and the World Wide Web. In: SHAPIRO, L. A. (Eds.). *The Routledge Handbook of Embodied Cognition*. New York: New York, 2014.
- SMART, P. The Web-extended mind. *Philosophical Engineering: Toward a Philosophy of the web*. Ed. Harry Halpin e Alexandre Monnin, 2014.
- SMART, P. The Web-extended mind. *Metaphilosophy*, v.43, n.4, p.446-463, July 2012.
- SMART, P. Extended Cognition and the Internet: A Review of Current Issues and Controversies. *Philos. Technol*, s/n, 2016. Disponível em: 10.1007/s13347-016-0250-2.
- TEIXEIRA, J. F. *Mente, Cérebro e Cognição*. Petrópolis: Vozes, 2000. (kindle edition)
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- WHEELER, M. In defense of externalism functionalism. In: MENARY, R. *et al. The extended mind*. Edited by Richard Menary. Massachusetts Institute of Technology: MIT Press, 2010 (kindle edition)